

Doenças Crônicas Progressivas e sua Relação com a Infecção por COVID-19

Previous Chronic Diseases and their Relationship with COVID-19 Infection

Bruna Redivo de Souza,¹  Eliane Mazzuco,¹ Layse Wiggers Kemper¹ 

Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL,¹ Tubarão, SC – Brasil

Prezado Editor,

O assunto abordado no estudo é de grande relevância em se tratando do atual período pandêmico enfrentado mundialmente. Sabe-se que existe uma certa urgência na produção e divulgação de dados científicos e epidemiológicos sobre o novo Coronavírus. Sendo assim, pesquisas que ajudem a traçar o perfil da população mais vulnerável a essa doença trazem uma grande contribuição para que se evite um número ainda maior de óbitos e sequelas decorrentes da COVID-19.

Apesar do coronavírus infectar pessoas de todas as idades, existe uma prevalência de complicações entre dois grupos: os idosos e os que têm comorbidades preexistentes. Considerando este último grupo, a hipertensão arterial sistêmica (HAS) e o diabetes mellitus (DM) são dois dos principais fatores de risco para a mortalidade por COVID-19.¹ Em concordância a este dado, um estudo sobre a multimorbidade dos brasileiros publicado em Cadernos de Saúde Pública (CSP), demonstrou que

aproximadamente 72% dos pacientes internados em UTI por COVID-19 apresentavam doenças crônicas progressivas em comparação àqueles que não necessitaram destes cuidados intensivos (37%).²

Diante disso, evidencia-se um grande contingente de pessoas em risco da COVID-19 grave no país, reforçando que o perfil de comorbidades da população brasileira é um fator preocupante e que precisa ser levado em consideração. Nesse cenário, a adoção de intervenções não farmacológicas torna-se fundamental para a prevenção de casos graves da infecção,² uma vez que muitos dos fatores agravantes são preveníveis, e garantir um estilo de vida mais saudável para a população refletiria de forma positiva no combate a pandemia.

Portanto, os estudos epidemiológicos são ferramentas importantes para caracterizar o comportamento típico da doença, assim como orientar as tomadas de decisões no âmbito das políticas públicas em saúde e vigilância epidemiológica.³ Assim, a estimativa apresentada é importante para planejar as estratégias de monitoramento das pessoas com morbidades crônicas e de prevenção no enfrentamento do novo coronavírus.³

Nesse contexto, o Sistema Único de Saúde (SUS) e a atenção primária à saúde, por intermédio da coordenação do cuidado pela Estratégia Saúde da Família, continuarão a ter papel relevante para amenizar as iniquidades sociais em saúde, por meio da prevenção da infecção pelo vírus e o manejo de condições crônicas e multimorbidade durante e após a pandemia.²

Palavras-chave

Diabetes Mellitus/prevalência; Hipertensão/prevalência; COVID-19; Pandemia; Fatores de Risco; Estudos Epidemiológicos; Atenção Primária a Saúde; Sistema Único de Saúde (SUS)

Correspondência: Bruna Redivo de Souza •

Rua Rui Barbosa, 553, casa. CEP 88701-601, Centro, Tubarão, SC – Brasil
E-mail: bruna.redivo@hotmail.com
Artigo recebido em 07/10/2021, revisado em 17/11/2021, aceito em 17/11/2021

DOI: <https://doi.org/10.36660/abc.20210859>

Referências

1. Santos LG, Baggio JAO, Leal TC, Costa FA, Fernandes TRMO, Silva RV, Armstrong A, et al. Prevalência de hipertensão arterial sistêmica e Diabetes Mellitus em Indivíduos com COVID-19: um estudo retrospectivo de óbitos em Pernambuco, Brasil. *Arq Bras Cardiol.* 2021;117(2):416-22. <https://doi.org/10.36660/abc.20200885>
2. Nunes BP, Souza ASS, Nogueira J, Andrade FB, Teixeira E, Thume E, et al. Multimorbidade e população em risco para COVID-19 grave no estudo longitudinal da saúde dos idosos brasileiros. *Cadernos de Saúde Pública.* 2020;36(12):1-12. doi.org/10.1590/0102-311x00129620.
3. de Moura, PH, da Luz RA, Gai MJP, Klokner S, Torrico G, Knapik J, et al. “Perfil epidemiológico da Covid-19 em Santa Catarina. *Revista Interdisciplinar de Estudos em Saúde.* 2020;9(1):163-80. <https://doi.org/10.33362/ries.v9i1.2316>

Carta-resposta

A transformação de dados em informações, de informações em conhecimento e de conhecimento em sabedoria, embora não seja uma tarefa fácil- *sobretudo em tempos de pandemia*-, é fundamental para a intervenção oportuna. Ainda mais quando essas intervenções podem salvar a vida de inúmeras pessoas [o termo 'pessoas' aqui aludido tem o sentido geométrico do ser sujeito. São seres reais, concretos e donos de projetos de vida e de felicidade]. Produzir ciência é, portanto, um ato de compromisso com esses sujeitos. O bem tutelado é a própria vida – *nossa e dos nossos!*

No Brasil, desde o ano de 2006 vem sendo publicada a mais importante pesquisa sobre fatores de risco e proteção para doenças crônicas nas capitais dos 26 e estados e no Distrito Federal, totalizando 27 cidades (Vigitel- *Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico*).¹ Os dados coletados em 2020, embora demonstrem avanços, ainda são preocupantes:

- i. a frequência de adultos (≥ 18 anos) fumantes nas 27 cidades foi de 9,5%;
- ii. o excesso de peso foi ($IMC \geq 25 \text{ kg/m}^2$) observado em 57,5% da população e a obesidade ($IMC \geq 30 \text{ kg/m}^2$) em 21,5% dos indivíduos;
- iii. a prática de atividade física no tempo livre equivalente a 150 minutos de atividade moderada por semana foi relatava por pouco mais de um terço da população (36,8%);
- iv. a frequência de hipertensão arterial alcançou $\frac{1}{4}$ da população (25,2%); e
- v. a frequência de Diabetes *Mellitus* foi de 8,2%.²

O aumento da prevalência de fatores de risco e das próprias doenças crônicas é uma realidade preocupante, não somente no Brasil, mas em todo o mundo. Somente em 2019, 54,7% das mortes registradas no Brasil tiveram como causa as doenças crônicas não-transmissíveis.³ Esse cenário exige um esforço coletivo – *gestores, profissionais de saúde e sociedade civil* –, e intersetorial, envolvendo todos os níveis de atenção e de

prevenção. Somente um amplo conjunto de políticas é capaz de impactar satisfatoriamente nesse cenário.

Considerando tal contexto, o Brasil lançou em 2021 o “Plano de Ações Estratégicas para o Enfrentamento das Doenças Crônicas e Agravos não Transmissíveis no Brasil 2021-2030”⁴ com o objetivo de “fortalecer a agenda de enfrentamento das DCNT, das violências e dos acidentes nas esferas federal, estaduais, municipais e do Distrito Federal, bem como pautar a promoção da saúde nas ações de saúde”.⁴ Cabe salientar que o plano em tela está em consonância com as recomendações mundiais e adota um arrojado sistema de monitoramento dos indicadores.

O lançamento do plano dialoga com a necessidade de produção do conhecimento sobre a influência dos fatores de risco (obesidade, sedentarismo e tabagismo, por exemplo) e doenças crônicas no desfecho clínico de indivíduos com COVID-19, bem como o impacto da pandemia – e suas medidas de controle – na prevalência desses fatores de risco e doenças. Tem-se uma via de mão dupla, com muitos questionamentos a serem respondidos.

Por fim, ficamos honrados ao receber o comentário referente ao nosso texto⁴ e agradecemos pelo momento de discussão.

Carlos Souza
Lucas Santos
Jussara Baggio
Thiago Leal
Francisco Costa
Tânia Fernandes
Regicley Silva
Anderson Armstrong
Rodrigo Carmo

Referências

1. Máximo EAL, Souza HNF, Freitas MIF. Doenças crônicas não transmissíveis, risco e promoção da saúde: construções sociais de participantes do Vigitel. *Ciênc saúde coletiva*. 2015;20(3):679-88. DOI <https://doi.org/10.1590/1413-81232015203.14742014>.
2. Brasil. Ministério da Saúde. Vigitel Brasil 2019: vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico: estimativas sobre frequência e distribuição sociodemográfica de fatores de risco e proteção para doenças crônicas nas capitais dos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal em 2019. Brasília – DF; 2020. 137p.
3. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise em Saúde e Vigilância de Doenças Não Transmissíveis. Plano de ações estratégicas para o enfrentamento das doenças crônicas e agravos não transmissíveis no Brasil. Brasília – DF; 2020. vol.1,122p.
4. Santos LG, Baggio JAO, Leal TC, Costa FA, Fernandes TRMO, Silva RV, et al. Prevalência de Hipertensão Arterial Sistêmica e Diabetes Mellitus em Indivíduos com COVID-19: Um Estudo Retrospectivo de Óbitos em Pernambuco, Brasil. *Arq Bras Cardiol*. 2021;117(2):416-22. DOI <https://doi.org/10.36660/abc.20200885>.

